

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVAS DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NA CITÂNIA DE BRITEIROS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1936 | Número: 46

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 46 (3-4) Jul.-Dez. 1936, p. 159-163.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros

Sob o título supra, publicou nesta Revista ⁽¹⁾ o Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro dois artigos a noticiar o aparecimento de alguns objectos de interesse arqueológico, por êle recolhidos na Citânia de Briteiros, durante os trabalhos de exploração ali realizados em 1930, 33 e 34.

Relação idêntica vamos apresentar hoje das espécies encontradas no decurso da campanha de 1935-36, levada a efeito na referida estação arqueológica, de baixo da nossa orientação.

Justo louvor se deve (e temos o prazer de o manifestar neste lugar) à ilustre Direcção dos Monumentos Nacionais, porque, sem a sua cooperação material ⁽²⁾, não teria sido possível executar os importantes trabalhos que, nos dois últimos anos, foram praticados nessa monumental Citânia, onde Martins Sarmiento consumiu um largo período da sua vida, dedicado às investigações que tanto o notabilizaram.

Na série dos actuais trabalhos, que sob a nossa directa indicação se vêm realizando em Briteiros, não iniciámos ainda, pròpriamente, explorações arqueológicas, mas procedemos apenas à reconstituição, ou antes, restauração de uma parte essencial das ruínas.

E' critério nosso que, antes de se iniciar a execução de pequenas obras parcelares naquela estação

⁽¹⁾ Vidè *Revista de Guimarães*, vol. XL, 1930, p. 171 e vol. XLIV, 1934, p. 205.

⁽²⁾ Desde 9 de Maio de 1935 até ao presente, o Ministério das O. P. deu para a realização dos trabalhos da Citânia de Briteiros, dirigidos pela Soc. M. S., a quantia de esc. 39.788\$90.

arqueológica, se impõe a realização de um plano de trabalho de conjunto, abrangendo a reconstituição das grandes linhas que definem o traçado ou planta do povoado primitivo, isto é — das directrizes seguidas pelas obras defensivas que circundam o núcleo das habitações e, portanto, delimitam a área total da Citânia, e das directrizes que marcam os arruamentos internos e separam assim os diversos quarteirões. Estas linhas gerais dar-nos-ão, por assim dizer, o esqueleto completo da cidade milenária. Fácil será, ulteriormente, levar a bom termo, por explorações sucessivas e parciais, a exumação metódica dos pequenos sectores fechados pela rede das vias públicas, já então desobstruídas, e pelas muralhas circundantes, já de novo erguidas em todo o seu perímetro. Este sistema nos pareceu o mais aconselhável e racional para, a pouco e pouco, se chegar a fazer ressurgir inteiramente a cidade morta.

Nesta ordem temos orientado os serviços, começando por erguer, a norte e a poente, a cintura tríplice de muros que encerravam o povoado (1). Levantámos assim para cima de um quilómetro de extensão de muralhas, que, há pouco ainda, se encontravam reduzidas a um longo e esboroadado espinhaço de pedregulhos, se bem que com as bases e alicerces intactos. O restauro deste circuito muralhado prosseguirá pela banda do poente, na parte que nos seja possível demarcar com segurança e precisão, e também pelos lados sul e nascente, paralela e inferiormente à estrada nova, torneando a encosta do monte, onde mandámos efectuar sondagens que acusaram numerosos vestígios de sólidas paredes.

Concluída a obra nas fortificações, deverá proceder-se à exumação das ruas que ainda se encontrarem soterradas e cujas directrizes se torna fácil de seguir na escavação. Após o que, e só então, será chegada a oportunidade de começarmos com as escavações, atacando o desatêrro dos vários quarteirões e tabu-

(1) Tal plano de trabalho teve ainda a vantagem de fechar as entradas da Citânia pelo lado mais exposto à invasão dos gados que, em procura do pasto, tantos estragos ali causavam.

leiros, onde assentavam as primitivas cabanas, quer dispostos no planalto, quer em degraus, pelas vertentes do monte.

Esta escavação deve, porém, efectuar-se, não de modo desconexo e arbitrário, sem ligação nem seqüência, mas rigorosamente orientada, segundo os ensinamentos dos actuais métodos de exploração arqueológica. Os materiais inutilizáveis, bem como as terras, depois de crivadas com cuidado para largarem todos os objectos de interesse que retenham incorporados, devem ser removidas, em vagonetas montadas sobre carris, e lançadas longe do recinto da Citânia, para que se não provoque um soterramento ainda maior de uma parte das ruínas, com os entulhos provenientes da exumação da parte vizinha. Tal inconveniente observa-se nas escavações ali realizadas por Martins Sarmento, que nêle incorreu, voluntariamente por certo, para evitar excessivas despesas (não esqueçamos que Sarmento jamais desfrutou qualquer auxílio do Estado) e obter o maior rendimento possível do trabalho. Restam assim, ainda hoje, dispersos pelo meio das ruínas, numerosos mamelões de pedra solta e terras, que é preciso destruir e arrumar agora para um local distante, a fim de se poder pôr a descoberto o que sob êles se encontra abafado.

Se o Ministério das Obras Públicas, por intermédio da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, continuar a dispensar a estas preciosas e venerandas ruínas o cuidado e a atenção que merecem, poder-se-á, dentro de poucos anos, dispor de mais elevadas dotações que maior actividade possam permitir aos trabalhos, ressuscitar à luz do sol, na sua traça original primitiva, uma das nossas maiores e mais interessantes cidades proto-históricas, tão acentuadamente características, desta zona luso-galaica do Noroeste da Península. A conclusão de tal empreendimento científico constituiria, sob todos os aspectos, a mais nobre e justa consagração da notabilíssima obra de Martins Sarmento, e aumentaria extraordinariamente o interesse arqueológico e turístico por êste famoso monumento nacional, que ainda retém escondida no solo uma grande parte das suas ruínas, abrangendo um espaço talvez superior à área já exumada.

A série dos objectos aparecidos, quasi à flor da terra, neste período, ainda em curso, dos trabalhos do levantamento das muralhas, é pequena. Mas ninguém estranhará tão singela pobreza do espólio agora recolhido, porque, em geral, só as extensas remoções das terras castrejas são verdadeiramente abundantes e proficuas em achados. Tais objectos deram entrada imediata nos mostruários do Museu da nossa Sociedade, onde se encontram expostos à curiosidade dos estudiosos.

Objectos de metal

- 1 pendente de xorca de bronze ⁽¹⁾.
- 1 agulha de bronze ⁽²⁾.
- 5 fíbulas dos tipos já conhecidos, sendo uma delas de charneira, e vários fragmentos de outras.
- 6 fivelas circulares e 3 fragmentos.
- 8 alfinetes de toucado (*acus comatoriae*) e 14 fragmentos.
- 1 pequena barra de estanho (para solda?).
- 2 contas de colar, de bronze, apresentando uma delas dois desenhos serpentiformes gravados, e outra um entrelaç em forma de oito tombado — ∞.
- 1 bocal de bronze, com a forma recurva (pertencente a uma vasilha de bico ou a uma lucerna metálica).
- 1 aro de fivela em forma de ferradura, de tipo inédito nos castros (talvez já um artefacto do período visigótico?).
- Vários fragmentos de bronze de aplicação indeterminada.

(1) Existem objectos semelhantes a êste provenientes de Cendufe, S.^{ta} Olaia, Crasto, Condeixa, Alter, Mértola e Lagoa (Algarve). Vidè *Arch. Port.*, vol. XXIV, p. 100, fig. 1 e nota 1; vol. XXVIII, p. 177; *Portugalia*, vol. II, p. 328, est. XX, n.º 50; p. 494 e ss., est. XXXIV, figs. 362-63-64.

(2) Sarmento menciona uma agulha do mesmo tipo proveniente de Sabroso (vidè *Rev. de Guimarães*, vol. XXIV, p. 57). Em Troia de Setúbal apareceram também destas agulhas (vidè *Arch. Port.*, VII, p. 179). Déchelette regista achados idênticos na época do Bronze (vidè *Manuel d'Arch.*, II, p. 338) e na época do Ferro (Idem, IV, p. 1290).

— 1 sachó (*sárculum*) ou pequena enxada de ferro com manga de alvado (1).

Cerâmica e vidro

— 4 cossoiros (*verticilli*) ornamentados e 13 lisos (2).

— Vários fragmentos de vasilhas, ornamentados.

— Metade de uma formosa conta de colar, de vidro azul-escuro, aos gomos, e com uma lista branca.

— 2 contas de pasta vítrea, de côr esverdeada, talhadas aos gomos; outra de uma substância translúcida, semelhante ao âmbar.

Apareceu também, numa remoção de terras mais profunda, grande quantidade de bolota torrada, facto confirmativo da conhecida asserção de certos autores clássicos, que nos dizem que estes montanhese se nutriam, durante grande parte do ano, de pão fabricado de bolota torrada e reduzida a farinha (3).

Guimarães, Outubro de 1936.

MÁRIO CARDOZO.

(1) Cf. instrumentos dêste tipo em Cagnat, *Manuel d'Arch. Romaine*, II, p. 254; Reinach, *Catalogue du Musée de S^t Germain*, I, fig. 279, n.º 2780; Déchelette, *Manuel d'Arch.*, IV, 1369, fig. 603, n.º 2.

(2) Acerca dêstes pequenos discos de barro, de uso impreciso, existe hoje uma larga bibliografia. Múltiplas têm sido as interpretações que os arqueólogos lhe têm dado: — tentos, fichas ou marcas de jôgo; volantes de fuso (donde *fusdiolas*); contas de colar; pesos de tear ou de redes de pesca; objectos de uso amuletico ou necrolátrico; e até últimamente lhe foi atribuída a função de «botões» (vidê *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, 1934-35, fasc. VIII-IX, p. 436).

(3) *Montani duobus anni temporibus glande vescunt querna, siccata et contusa, inde molentes atque e farina panem conficientes: itaque eas ad tempus usui reponunt* (Strabão, *Geogr.*, L. III, cap. III, 7 — versão latina de Müller, ed. Didot, Paris, 1853). *Necnon et inopia frugum arefactis molitur farina, spissaturque in panis usum. Quin et hodieque per Hispanias, secundis mensis glans inseritur. Dulcior eadem in cinere tosta* (Plínio, *Nat. Hist.*, L. XVI, cap. VI — Ed. Didot, Paris, 1855).